

# LITERATURA INFANTIL E MORALIDADE: OS VALORES MORAIS NA ESCOLA

Izabella Alvarenga Silva<sup>1</sup>  
Raul Aragão Martins<sup>2</sup>

**Resumo:** Nesse texto, apresentamos brevemente como trabalho com a moralidade pode ser desenvolvido na escola a partir da literatura infantil. Na educação básica, temas relacionados aos valores morais podem e devem ser objeto de discussão e a leitura de bons textos possibilita o entendimento do tema, a socialização de ideias e o exercício da leitura.

## Introdução

A importância do trabalho com questões éticas e morais dentro da escola é evidenciada por diversos estudos, tanto no Brasil quanto em outros países. O alcance de uma educação escolar que caminha nos trilhos da autonomia moral e intelectual é abordado por pesquisadores brasileiros como Menin (2007), La Taille (1994) e Vinha (2000).

A escola é um importante ambiente, fora do núcleo familiar, no qual a criança estabelece contato com seu grupo de pares, que é capaz de proporcionar o desenvolvimento de diferentes competências por meio de relações e cooperações interpessoais, negociações, trocas de experiências, entre outros (FANTE, 2005). Além da aprendizagem acadêmica, é na escola que a criança constrói grande parte de seu repertório social e também aprende e internaliza normas morais e éticas. Desde a educação infantil é necessário levar as crianças a perceberem os seus sentimentos e direitos, e também os dos outros, desenvolvendo, assim, atitudes favoráveis à solução pacífica diante das divergências de ideias e desejos, conciliando os interesses de todos os envolvidos.

Nesse sentido, a literatura infantil apresenta-se como uma alternativa de qualidade para o trabalho com valores morais junto aos alunos. O uso de textos, tanto os clássicos como os de publicação de recente, possibilita que temas como o respeito, a solidariedade, a justiça e boa convivência sejam abordados, discutidos, problematizados e ressignificados diante das questões mais atuais.

Desse modo, nesse estudo qualitativo, de cunho bibliográfico, explanamos brevemente sobre o trabalho com histórias para, entre outros conteúdos, abordar aqueles referentes à moralidade.

## Reflexões sobre a moral na escola

A leitura, prática imprescindível para a formação do leitor (e cidadão) crítico é o ponto de partida de um processo rico e complexo, que se desdobra em outros cujo planejamento e organização, especialmente do professor, são definidores de um processo educativo de qualidade.

Porém, não basta ler. A leitura, seja individual ou coletiva, deve estar acompanhada de exercícios de contextualização, reflexão, provocação, imaginação. As fábulas representam o gênero textual mais comumente lembrando quando se trata de abordar questões morais, pois a 'moral da história' é sempre muito clara e objetiva. Necessário lembrar que, nos dias de hoje, a abordagem desta temática deve ir além da moral da história. Orientações para a escola e os professores podem ser encontradas em Marques, Tavares e Menin (2017), por exemplo. Para os alunos, textos como os escritos por Trindade (2010) e Tognetta (2012).

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília/SP. E-mail: [izabella.silva@gmail.com](mailto:izabella.silva@gmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília/SP. E-mail: [raul@ibilce.unesp.br](mailto:raul@ibilce.unesp.br).

A necessidade e, do mesmo modo, a dificuldade em trabalhar questões de cunho moral na sala de aula coloca, por vezes, o docente diante de um quadro de desinteresse dos alunos em relação ao temas e conteúdos abordados cotidianamente na escola.

Em uma pesquisa realizada com alunos de uma escola privada sobre o (des)interesse na escola, Reis (2012, p. 10-11) afirma que muitas hipóteses explicam a postura dos alunos diante da escola, uma vez que, em última instância, tal postura expõe a relação escola e sociedade e mobiliza argumentos como a “falta de base e incentivo da família, problemas geracionais associados às novas tecnologias, falhas no processo de escolarização anterior, desprestígio da profissão docente, [...], peculiaridades da cultura juvenil, entre outros”.

No entanto, Reis (2012) não fica presa a estes argumentos e vai além em suas análises, apontando o *modus operandi* da escola como essencial na compreensão da relação do aluno com a escola e tudo ele vive ali. Ainda para esta autora, “a própria escola ensina o aluno a ser desinteressado, por meio de práticas sistematizadas e seletivas que esvaziam de sentido o conhecimento, destroem a cultura e tornam amargo o longo processo de escolarização” (p. 19). E tal ensino se dá por meio de práticas que contemplam, além do *modus operandi*, um currículo inócuo, o uso da avaliação como instrumento de controle, a anulação do tempo presente, a obsessão pela especialização. Na escola das elites, o trabalho exaustivo de depurar técnicas para fazer “emburrecer” e alienar, e nas escolas públicas, a própria ausência objetiva, a materialidade da falta de absolutamente tudo, de professor, de conteúdo escolar, já cumpre o papel desejado.

Frankiv e Domingues (2016) também se interessaram em compreender os motivos que podem gerar um possível desinteresse dos alunos em relação ao estudo, e, estudando o cotidiano de uma escola federal, identificaram quatro elementos que enriquecem a análise desta questão: o currículo escolar, o tempo/espço pedagógico, os conteúdos escolares e relação aluno e professor.

Estas autoras fazem uma crítica a tais elementos, pois o currículo escolar, com seus conteúdos pré-definidos, não consideram as singularidades dos alunos desvinculando-se da realidade destes, o tempo/espço pedagógico é pensado estanque, com cargas horárias pré-definidas que não consideram, por exemplo, o momento individual de cada aluno para aprender, e a relação aluno/professor é tensionada e muitas vezes não aberta ao diálogo, ferramenta essencial de emancipação. (FRANKIV, DOMINGUES, 2016).

Szymanski e Pezzini (2007, p. 5) citam que a superação do desânimo e desinteresse dos alunos em relação à escola passa pela concretização de mudanças de toda ordem, e a postura do docente é uma delas. Segundo as autoras, no contexto atual os professores acabam portando-se como “meros repassadores do saber alheio”, não favorecendo o processo emancipatório deles e dos alunos.

[...] Emancipação, neste caso, significa autonomia, palavra de origem grega que quer dizer dirigir-se por sua própria vontade. Porém sabemos que a grande maioria de nossos alunos não consegue e nem é levada a dirigir-se pela própria vontade. Não aprenderam isso com os pais e não estão aprendendo na escola. E quando um aluno mais corajoso pergunta ao professor: “para que estamos aprendendo isso?”, a resposta, normalmente, é: “porque está no programa”. Ora, se sabendo para que serve o saber às vezes o aluno mostra-se desinteressado, imagine-se quando ele não o sabe e não consegue fazer uma ligação com a vida real. (SZYMANSKI, PEZZINI, p. 5, 2007).

A relação do aluno com a escola se insere em um contexto mais amplo que não pode ser ignorado, e a falta de aplicabilidade dos conteúdos é sintomática de uma relação que não vai bem. A literatura infantil, quando lança luzes sobre questões e discussões de interesse dos alunos, e dentre elas temas relacionados a questões éticas e morais, pode fazer esta relação,

interligação entre o que se ensina, o que se aprende e o que se vive, diminuindo a distância da escola com a vida vivida forma dela.

### Conclusões

Por fim, destacamos que os momentos reservados ao trabalho com questões morais, sejam a partir de histórias (fábulas ou outros textos) ou dos fatos cotidianos é um tempo precioso que a instituição educativa dedica para o crescimento de alunos e professores enquanto seres sociais, que se formam pela experiência de conviver em grupo.

Anteriormente apontamos que o desinteresse dos alunos em aprender os conteúdos tradicionalmente privilegiados pela escola é um fato que mostra-se presente em grande parte das instituições de ensino, marcando a distância existente, nos dias de hoje, entre o que se ensina e o que se vive. A literatura, e o bom uso que o professor pode fazer dela, faz uma aproximação entre dilemas e questões morais vividas e o contexto escolar, possibilitando a emancipação citada por Szymanski e Pezzini (2007).

### Referências

FANTE, Cleo. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 1. ed. Campinas: Versus, 2005.

FRANKIV, M. A.; DOMINGUES, S. C. Desinteresse e proposições para escola atual: contribuições do pensamento complexo. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, v. 9, n. 19, p. 113-128, maio/ago. 2016.

LA TAILLE, Y. Prefácio à edição brasileira. In: PIAGET, J. *O juízo moral na criança*. 1. ed. São Paulo: Summus, 1994, p. 7-22.

MARQUES, C. A. E.; TAVARES, M. R.; MENIN, M. S. S. *Valores sociomoraís*. Americana: Adonis, 2017.

MEMIN, M. S. S. Escola e educação moral. In: MONTROYA, A. O. D. (Org.). *Contribuições da Psicologia para a educação*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

REIS, R. R. A escola e a produção do desinteresse. In: XVI ENDIPE - ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 2012, UNICAMP, Campinas *Anais...* Campinas, SP, 2012. p. 10-20.

SZYMANSKI, M. L. S.; PEZZINI, C. C. *O novo desafio dos educadores: como enfrentar a falta de desejo de aprender?* Simpósio de educação Formação de professores no contexto da Pedagogia Histórico-Crítica/XIX Semana de Educação do campus Cascavel, p. 1-10, 2007.

TOGNETTA, L. R. P. *Doidera de gola à toa*. Americana: Adonis, 2012.

TRINDADE, K. M. *O que cabe no meu mundo: 6 histórias sobre valores*. Santos: Editora Cedic, 2010.

VINHA, T. P. *O Educador e a moralidade infantil: uma visão construtivista*. Campinas: Mercado de Letras, Fapesp, 2000.